

O sujeito na fala fílmica brasileira

Gian Luigi De Rosa

Università degli Studi Roma Tre, Italia

Abstract The present study, based on a corpus of contemporary Brazilian film dialogues (*Sub-Corpus Carioca Urbano, Corpus I-Fala, Luso-Brazilian Film Dialogues as a resource for L1 & L2 Learning and Linguistic Research*), illustrates how Brazilian Portuguese (BP) has undergone a process of change in the representation of referential subjects, with preference for overt pronominal subjects, passing from being a null subject language to being a partial null subject language. Thus, the current work revisits De Rosa (2017) by including 3rd person subjects and using film dialogue transcriptions (not scripts) and discusses the presence of null and overt subjects in the corpus, both quantitatively and qualitatively. The study also compares the filmic data to spontaneous speech and shows a basically conservative nature of the former.

Keywords Brazilian Portuguese. Null subject languages. Referential (null) subject pronouns. Movie dialogues. European Portuguese.

Resumo 1 Introdução. – 2 A evolução do sujeito pronominal no PB neostandard. – 3 O sujeito pleno na fala fílmica brasileira contemporânea. – 3.1 Resultados. – 4 Conclusões.

1 Introdução

O português brasileiro (daqui em diante PB), na sua variedade neostandard,¹ conforme atestam muitos estudos que analisam dados da língua falada (Lira 1982, 1988, 1996; Duarte 1995, 1998, 2000; Berlinck et al. 2015), da língua escrita (Paredes Silva 1988, 1991, 2003), da fala teatral (Duarte 1993, 2012) e da fala fílmica (De Rosa 2017), está perdendo, à luz de toda uma série de mudanças linguísticas, as características de uma língua de sujeito nulo, como o italiano ou o português europeu (daqui em diante PE), passando de língua pro-drop à língua pro-drop parcial. De fato, o emprego crescente dos pronomes pessoais sujeito, observado na história do PB (Kaiser 2006), acompanha-se, de um lado, do enfraquecimento da morfologia verbal com consequente redução do paradigma verbal (a flexão verbal de número e pessoa reduziu-se a três ou quatro formas) e, do outro, da estruturação do sistema pronominal.

Segundo os trabalhos supracitados, o PB neostandard permite - além de um maior preenchimento do sujeito referencial - também um maior preenchimento da posição de sujeito nas variedades standard do PE e do PB em relação a:

- a Sujeitos pronominais de referência arbitrária:
«Eles deveriam ensinar amor às crianças» (Cyrino et al. 2000, 62);
- b Sujeitos pronominais com correferente não animado:
«A casa virou um filme quando ela teve de ir abaixo» (Duarte 2000, 22);
- c Deslocamento à esquerda de sujeito:
«O Paulo ele gosta de cinema brasileiro».

Todavia, além de existirem contextos de resistência onde é possível a omissão do sujeito referencial na 3PS, a omissão do sujeito não referencial ainda se registra nas sentenças com verbos meteorológicos («∅ chove»), nas construções impessoais («∅ parece que ele vem amanhã») e nas construções existenciais com ter e haver («∅ Tem muita praia nessa cidade»), em que temos sujeitos nulos expletivos.² Há

1 Por PB neostandard entendemos a variedade de PB de uso comum, empregada por locutores cultos urbanos brasileiros e que pode se considerar como um novo standard em formação, cujas construções, formas e realizações mais salientes se registram também nos gêneros textuais escritos mais monitorados. Trata-se de uma variedade sensível à diferenciação diatópica e, portanto, corresponde fundamentalmente - no emprego concreto dos locutores - às variedades cultas urbanas (não utilizamos a definição 'fala culta urbana', porque o emprego do PB se registra, como dissemos, também nos gêneros textuais escritos).

2 No PB neostandard, ao lado dessas sentenças com o expletivo nulo, registram-se casos em que algum argumento sobe para a posição de sujeito, como em: sentenças com verbos meteorológicos (ex: «São Paulo chove muito no inverno», «Essas florestas cho-

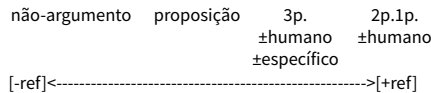
também casos de sujeitos nulos de referência arbitrária, como nos casos: «Hoje em dia não \emptyset usa mais máquina de escrever»; « \emptyset Bate-ram à porta».

Além disso, é ainda possível, em alguns casos, assim como acontece nas línguas pro-drop, a inversão dos constituintes da frase, com o sujeito no final da frase (VOS) («comeram o bolo as crianças») e o sujeito em posição pós-verbal em construções passivas («Foi convidado só ele»)³ e com verbos inacusativos («Chegou o rapaz»).

A tal propósito, o presente contributo, revisitando De Rosa (2017)⁴ e acrescentando os dados relativos aos sujeitos expressos e nulos de 3P, pretende analisar essa mudança linguística na fala fílmica brasileira contemporânea, numa amostra de dez filmes produzidos entre 1996 e 2013, ambientados quase exclusivamente na cidade do Rio de Janeiro,⁵ - *Sub-Corpus Carioca Urbano, Corpus I-Fala, Luso-Brazilian Film Dialogues as a resource for L1 & L2 Learning and Linguistic Research* (De Rosa et al. 2017) -, como reflexo e fenómeno desencadeado pelo processo de restandardização do PB.

A análise considerou apenas sujeitos pronominais (plenos ou nulos) de referência definida em sentenças finitas, dado que, conforme a hierarquia referencial proposta por Cyrino et al. (2000, 54) [fig. 1], a referencialidade tem uma relevância translinguística na pronominalização.

Figura 1 Hierarquia referencial (Cyrino et al. 2000, 54)



vem muito»); construções impessoais com sujeito (ex: «Ele parece que vem amanhã», «Eu pareço que vou explodir de raiva»); existenciais com sujeito (ex: «Essa cidade tem muita praia», «O Rio tem prédios lindos») (Kato e Duarte 2014, 156).

3 Essas construções são plenamente aceitáveis só quando o sujeito é focalizado, i.e., quando se trata de uma informação nova ou quando recebe um acento contrastivo (Lobo 2013, 2310-1).

4 Em De Rosa 2017, computaram-se os dados de preenchimento do sujeito referencial nos diálogos presentes nos roteiros (*script*) dos filmes, enquanto no presente contributo usamos as transcrições do *découpage* realizado depois da montagem fílmica e que fazem parte do corpus *I-FALA, Luso-Brazilian Film Dialogues as a resource for L1 & L2 Learning and Linguistic Research* (De Rosa et al. 2017-). Essas transcrições revelam o maior conservadorismo dos roteiros em que as percentagens de preenchimento do sujeito são inferiores às que registramos aqui e, por isso, foi fundamental rever as conclusões presentes em De Rosa 2017.

5 Única exceção é *Central do Brasil* que é mais um *road movie*.

Segundo esta hipótese, os pronomes argumentais com os traços [+N, +humano] se colocam na extremidade mais alta da hierarquia referencial, enquanto os pronomes não-argumentais se colocam na extremidade oposta.

No cômputo dos dados, excluímos as frases com verbo no imperativo e as coordenadas com sujeito correferencial, além de todos os casos em que o pronome sujeito não pode ser omitido por estar acompanhado de um elemento focalizador («só você», «até a gente»), de elementos usados para enfatizar («ele mesmo»), numerais («nós quatro») e formas verbais equivalentes a respostas afirmativas e enfáticas.

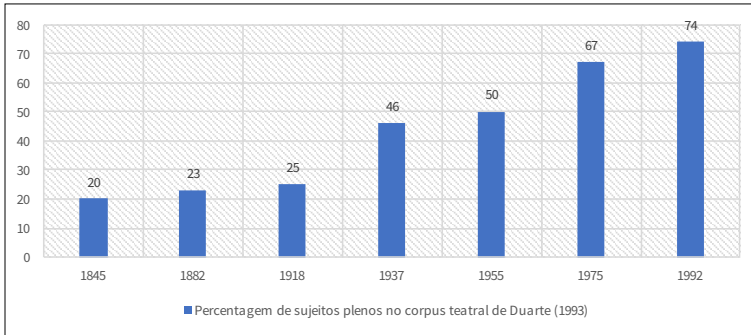
2 A evolução do sujeito pronominal no PB neostandard

Maria Eugenia Lamoglia Duarte (1993, 1995, 1998, 2000, 2004, 2008, 2012), nos seus estudos sobre o sujeito no PB, imprescindíveis para todos aqueles que queiram analisar esse fenómeno, estudou a mudança em ação no PB, a partir da segunda metade do século XIX, no que diz respeito ao uso dos pronomes sujeito. A autora analisou esse fenómeno tanto na fala espontânea situacional quanto na fala teatral de peças brasileiras populares, observando a tendência progressiva de uso de pronomes em posição de sujeito em sentenças finitas (aquelas que exibem o verbo flexionado em tempo, modo, número e pessoa), em que o PE admite a não expressão do sujeito de uma frase finita, uma vez que possui um rico sistema de acordo sujeito-verbo.

Os resultados, repropostos no gráfico que segue, indicam uma passagem gradual que levaria o PB, na sua variedade neostandard, de língua a sujeito não-expresso à língua a sujeito expresso.

O gráfico recupera os resultados de Duarte (2000, 19), que readapta os dados sobre o sujeito nulo do corpus teatral de Duarte (1993, 112), desviando a atenção sobre a percentagem de sujeitos plenos.

Gráfico 1 Dados extraídos de Duarte 2000, 19



Essa mudança pode-se colocar dentro do processo de neostandardização do PB, com que se registra a aceitação cada dia mais difusa, no novo standard em formação, de construções na origem marcadas e específicas das variedades de fala não standard (monitoradas e não). Nesse processo, tem uma certa relevância a ordem dos constituintes da frase. De fato, a tal propósito, é necessário reafirmar que, se no PB standard a ordem 'não marcada' dos constituintes da frase é ainda considerada (S)VO (Sujeito-Verbo-Objecto), e o sujeito pode ser omitido porque o PB standard apresenta um paradigma flexional rico. No PB neostandard a ordem 'não marcada' dos constituintes é SV(O), devido efetivamente às mudanças linguísticas de que estamos falando: maior preenchimento do sujeito e omissão do clítico objeto, sobretudo o acusativo da 3P (Tarallo 1993).

Portanto, a mudança paramétrica interessa e afeta o PB neostandard (ou variedades cultas urbanas) e não o PB *standard*. Essas duas definições (neostandard e variedades cultas urbanas) podem se considerar relativamente intercambiáveis, porque a primeira definição, neostandard, é uma etiqueta que evidencia principalmente os traços unitários do diassistema, relativos ao plano morfossintático, que constituem a base comum dos usos da língua entre locutores cultos urbanos; enquanto a segunda, variedades cultas urbanas, se refere aos aspectos diferenciadores associados à variação diatópica, perceptível, principalmente, no plano fonético-prosódico e lexical.

O parâmetro pro-drop distingue línguas de sujeito pronominal obrigatório (que apresentam uma fraca morfologia verbal) e línguas de sujeito pronominal facultativo (o sujeito é recuperável da morfologia verbal). Kato, na linha de Chomsky (1981) e Rizzi (1982), afirma que:

The null subject (NS) parameter has been proposed to be a cluster of properties, including: [a] the possibility of null subjects; [b] free inversion/potposed subjects. (Kato 2000, 207)

Na prática, uma língua pode se definir pro-drop se permite a elipse do sujeito, a inversão livre com o sujeito posposto, e tem um uso do sujeito pronominal limitado em contextos restritos, assim como é atestado pela gramática da Real Academia Española para o espanhol (standard), língua pro-drop.⁶ Isso vale também para o italiano, língua pro-drop, na qual, por exemplo, o sujeito de um verbo meteorológico pode ser realizado por um pronome implícito (sem realização fonética): «nevica», enquanto que em inglês, língua não pro-drop, a posição do sujeito deve ser ocupada por um pronome expletivo (com realização fonética) que, desprovido de significado/referência, é definido pleonástico: «it snows».

Quanto ao PB, Duarte (1993) sublinha que a simplificação dos paradigmas pronominais e verbais teve um papel fundamental na mudança da tipologia da língua (de pro-drop a pro-drop parcial).

Isso resulta ainda mais claro no esquema que se segue, no qual se confrontam o paradigma verbal do PB standard com o paradigma verbal do PB neostandard, variedade de língua que registra a concomitância de NÓS e A GENTE como 1PP. Os dois pronomes apresentam-se como formas concorrentes e coocorrentes, ainda que com uma diferença de emprego associado aos eixos diamétrico e diafásico, visto que o pronome NÓS ainda resiste nos registros formais e monitorados da modalidade escrita do PB, enquanto que A GENTE, para além de ter se tornado a forma pronominal mais empregada entre os jovens, está conquistando também outras faixas etárias, substituindo a primeira pessoa plural NÓS em quase todos os contextos orais e informais.

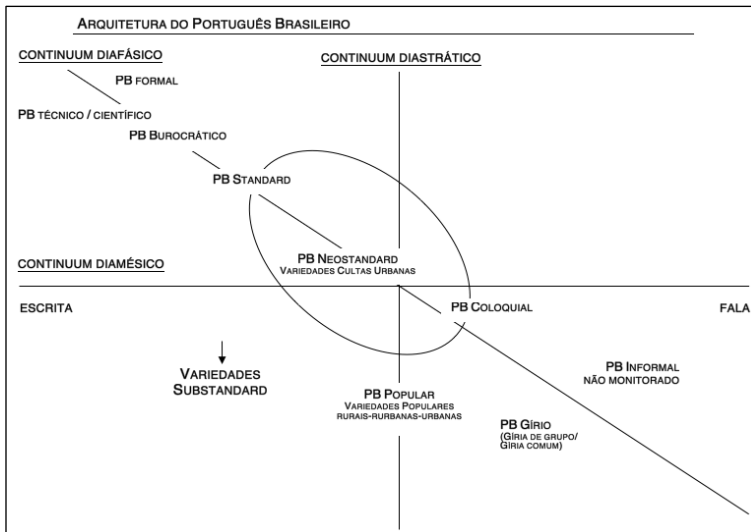
6 «[El] morfema de persona incluido en el verbo distingue ya cuál de las tres funciona como sujeto gramatical, y así no resulta muy necesaria la presencia de un sustantivo personal para señalar un sujeto explícito: en *canto, cantas, canta*, están ya expresas como sujeto las personas primera, segunda y tercera, respectivamente. No obstante, es frecuente la aparición de un personal en esa función de sujeto explícito, y no solo en los casos de coincidencia fónica de las formas verbales (como *cantaba, cantaría, cante*, en que no se distingue la primera de la tercera persona), ni en el caso de la tercera persona (donde la distinción de géneros del personal puede aportar mayor precisión acerca de la referencia concreta al sujeto). También pueden aparecer *yo* y *tú*, aunque su referencia personal es evidente e inequívoca en cada acto de habla. Por tanto, la aparición de los sustantivos personales en estos casos de redundancia tiene marcado carácter enfático y expresivo, y trata de contraponer la persona aludida a las otras» (Alarcos Llorach 1999, 73).

A seguir o paradigma do PB standard e do PB neostandard [tab. 1] e o modelo de arquitetura do PB [fig. 2]:

Tabela 1 Paradigma do PB standard e do PB neostandard

PESSOA	NÚM	PB STANDARD	PB NEOSTANDARD
1ª	SING.	CANTO-O	CANT-O
2ª DIRETA	SING.	CANTA-S	-----
2ª INDIRETA	SING.	CANTA-Ø	CANTA-Ø
3ª	SING.	CANTA-Ø	CANTA-Ø
1ª	PLUR.	CANTA-MOS	CANTA-MOS/ CANTA-Ø
2ª DIRETA	PLUR.	CANTA-IS	-----
2ª INDIRETA	PLUR.	CANTA-M	CANTA-M
3ª	PLUR.	CANTA-M	CANTA-M

Figura 2 Modelo de arquitetura do PB (De Rosa 2012)



A tipologia dessa mudança se insere no primeiro dos quatro casos de diferenciação e distanciamento entre o PE e o PB, identificados por Tarallo no seu estudo pioneiro sobre a emergência de uma gramática brasileira no século XIX, quando falava de «reorganização do sistema pronominal», evidenciando

como consequências mais importantes a implementação de objetos nulos no sistema brasileiro de um lado, e sujeitos lexicais mais frequentes de outro. (Tarallo 1993, 70)

Este estado de coisas faz do PB neostandard uma (variedade de) língua com um sistema flexional verbal reduzido, cuja consequência principal seria uma frequência maior de sujeitos pronominais expressos, devido à

relação direta entre a riqueza flexional dos paradigmas verbais de uma língua e a possibilidade de omissão do sujeito em sentenças finitas. (Duarte 1993, 107)

3 O sujeito pleno na fala fílmica brasileira contemporânea

Os dados recolhidos para este contributo, em total 6.494, tomaram em consideração os sujeitos pronominais (plenos ou nulos) referenciais de frases de tempo finito no interno de uma amostra de dez filmes brasileiros presentes no *Sub-Corpus Carioca Urbano, Corpus I-Fala* (De Rosa et al. 2017-).

Na tabela 2 estão elencados os dez filmes, o ano de produção e os dados relevantes coletados em cada um desses filmes.

Tabela 2

Ano	Filmes	Total de dados recolhidos
1996	Pequeno Dicionário Amoroso	592
1998	Central do Brasil	619
2004	O Redentor	507
2006	Se eu fosse você	877
2006	Muito gelo e dois dedos d'água	639
2006	Trair e coçar é só começar	816
2007	Meu nome não é Johnny	768
2007	Cidade dos Homens	619
2008	Verônica	463
2013	Alemão	593

A variável - ocorrência do sujeito pleno ou nulo - foi cruzada com os seguintes fatores morfossintáticos:

- traço sintático de número e pessoa em relação ao traço semântico designado (pessoa do discurso);
- tempo e forma verbal (simples ou composta);
- tipo de frase;
- presença de elementos antes do sujeito ou entre o sujeito e o verbo;

e com os fatores extralinguísticos relativos ao ano de produção e ao gênero fílmico.

3.1 Resultados

3.1.1 Número e pessoa gramaticais

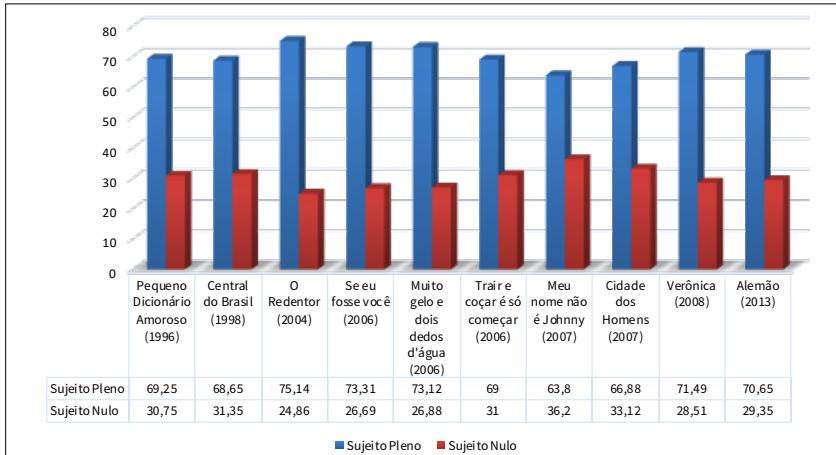
Na fala fílmica da nossa amostra, perpetua-se a consagração do predomínio do sujeito pleno sobre o sujeito nulo. Todavia, mesmo que tenhamos registrado 71% de preenchimento do sujeito para a 1P e 71,68% de preenchimento para a 2P, estamos ainda longe dos dados sobre a fala teatral (Duarte 1993), que para a década de 1990 registram, para a 1P, o sujeito pleno a 82% e, para a 2P, o sujeito pleno a 78%, e dos dados sobre a fala espontânea (Duarte 2004; Barbosa et al. 2005), que registram para a 1P o sujeito pleno a 74% e para a 2P a 90%. Em relação à 3P, registramos uma leve inversão de tendência, dado que se passa de 45% da fala teatral (Duarte 1993) e 58% da fala espontânea (Duarte 1995, 2004; Barbosa et al. 2005) a uma média de 60,89% (3PS 63,09%; 3PP 47,42%) da fala fílmica (503 dados em 826). Todavia, esse último dado, relativo à 3P na fala fílmica, resulta ainda distante dos dados presentes em Berlinck et al. (2015), em que se registra uma média de 75,80% de preenchimento do sujeito de 3P (3PS 78%; 3PP 71%).⁷

Da análise do nosso *Sub-Corpus Carioca Urbano* sobressai um constante preenchimento do sujeito a partir de *Pequeno Dicionário Amoroso* (69,25%), de 1997, e *Central do Brasil* (68,65%), de 1998, que, ao lado de *Trair e coçar é só começar* (69%), de 2006, de *Meu nome não é Johnny* (63,80%) e de *Cidade dos Homens* (66,88%), ambos de 2007, se colocam entre os mais conservadores. Se trata de uma comédia e de quatro filmes dramáticos em que a frequência dos sujeitos plenos se manteve aquém de 70%. No primeiro filme, a narração feita pelos próprios protagonistas em cena, em primeiro plano ou em plano médio, ao lado da tipologia de falantes, mantém a fala fílmica bem monitorada, mas apesar disso, a quantidade de sujeitos nulos não se eleva excessivamente; no segundo filme, a fala da personagem principal, Dora, sendo uma ex-professora, eleva bastante a percentagem de sujeitos nulos, principalmente na 3PS e na 1PP standard. Também a comédia *Trair e coçar é só começar*, centrada nos mal-entendidos de uma empregada na rotina quotidiana de uma família da alta burguesia carioca, não consegue ir além de 69%. Todavia, os casos mais singulares se referem a *Meu nome não é Johnny* e *Cidade dos Homens* que apresentam um índice de preenchimento do sujeito de 63,80% e de 66,88%, revelando um maior controle sobre a variedade diamésica ficcional – em termos de mimese da fala espontânea – pouco verossímil, uma vez que os dois filmes tratam do tráfico de droga na Zona Sul do Rio de Janeiro.

⁷ Quanto à 1P (81%) e à 2P pessoa (86%) do discurso, os dados registrados em Berlinck et al. 2015 se aproximam bastante dos dados relativos à fala teatral (Duarte 1993) e à fala espontânea (Duarte 1995, 2004; Barbosa et al. 2005).

No gráfico que segue, podemos ler os dados, em percentual, dos sujeitos pronominais expressos (plenos) e não expressos (nulos) no nosso corpus fílmico.

Gráfico 2 Percentagem de sujeitos plenos e nulos no *Sub-Corpus Carioca Urbano (I-FALA)*



Como dissemos, aquilo que se registra é uma tendência constante à expressão do sujeito, com uma média de percentagem de preenchimento acima de 63,8% (*Meu nome não é Johnny*).

A seguir [tab. 3], transcrevemos os dados relativos às ocorrências de cada uma das formas pronominais, referidas à 1P, a 2P e à 3P do singular e do plural, de modo a se ter uma ideia precisa sobre o processo de mudança registrado no âmbito da fala fílmica.

Tabela 3

Forma Pronominal	Pronome Pleno/Total	%
EU	2.163/3.118	69,37%
TU/VOCÊ	1.382/1.943	71,12%
ELE/ELA	452/710	63,09%
A GENTE	300/311	96,46%
NÓS	102/180	56,66%
VOCÊS	94/116	81%
ELES/ELAS	55/117	47,42%

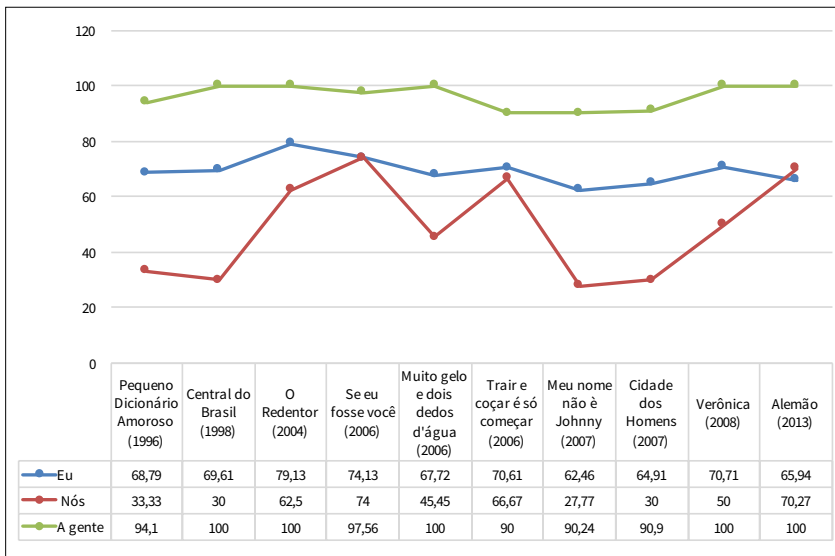
Decidiu-se reunir TU e VOCÊ numa única voz, porque, ainda que o uso de TU – com o verbo na forma zero – resulta na realidade socio-linguística carioca ainda marcado em diastratia e em diafasia, nos

filmes em que as ocorrências foram maiores, registrou-se uma mistura de tratamento e uma alternância contínua TU/VOCÊ.

Para compreender mais a fundo a situação, nosso objetivo era o de poder examinar a representação do sujeito pleno segundo a pessoa do discurso, sobretudo pelo número reduzido de dados relativos ao plural. No entanto, algumas das particularidades de emprego, como por exemplo, o fato de que a coocorrência e a concorrência entre NÓS e A GENTE deixe ainda possibilidades de uso da 1PP standard para atuar com estratégias de omissão do sujeito, fizeram-nos inclinar para uma análise no que diz respeito apenas aos pronomes no interno da pessoa do discurso, mas distintos pelo número.

Em seguida, apresentamos o gráfico com as percentagens das ocorrências do sujeito pleno para a 1PS (EU) e a 1PP (NÓS/A GENTE) no interno da nossa amostra:

Gráfico 3 Percentagem das ocorrências de sujeito pleno – dados relativos à 1PS e à 1PP



No que diz respeito a 1PP, os dados evidenciam que na fala fílmica, o emprego da forma pronominal A GENTE está se expandindo. De fato, A GENTE, como sujeito expreso referencial, chega a uma percentagem de preenchimento de 96,46% (300 em 311 ocorrências), ao passo que as percentagens de omissão do sujeito para a 1PP standard, NÓS, mesmo permanecendo altas, devido à desinência morfológica ‘-mos’, não vão além de uma percentagem de 43,34% (78 em 180 ocorrências).

- (1) De qualquer forma, nós demos o primeiro passo. *ø* Entramos dentro do Complexo do Alemão.
(*Alemão*)
- (2) Ninguém quer morrer aqui. *ø* Só queremos ir embora.
(*Alemão*)
- (3) ...como se *ø* fôssemos uma família.
(*Central do Brasil*)
- (4) Já reparou que *ø* nos encontramos só em função dos eventos dos nossos maridos?
(*Se eu fosse você*)

Em síntese, os dados não fazem mais do que confirmar o estado avançado do processo de pronominalização de A GENTE, que já substituiu NÓS em quase todos os contextos.

- (5) Quando é que *a gente* vai sair daqui? Eu preciso sair daqui.
(*Alemão*)
- (6) - Então quem cuida de vocês?
- *A gente* mesmo cuida da gente.
(*Central do Brasil*)
- (7) - Qual é, Tina, vai lá no barraco, pega os rádio *ø* e umas pistola, tá ligado? Qual é, Bete! Vai lá, olha nos cana e fala que *a gente* vai passar.
- Demorou.
(*Cidade dos Homens*)
- (8) Pois é. Mas nem sempre *a gente* pode fazer o que *a gente* quer. Eu, por exemplo, quero corrigir essa montanha de cadernos e você não deixa.
(*Verônica*)
- (9) Esse é o momento em que ela, toda atrapalhada, não acha as chaves, a bolsa, os óculos... Então *a gente* aplica um toque de delicadeza, uma pitada de gentileza, um bombonzinho e pede o aumento!
(*Trair e coçar é só começar*)
- (10) - Quando você e meu pai seguraram essa agência aqui o mundo era outro, a tecnologia era outra, a economia era outra.
- *A gente* vai levando! Uma conta aqui, outra ali, e as coisas melhoram.
(*Se eu fosse você*)

Em relação a 1PS, registra-se um andamento bastante regular do sujeito exposto com picos para além de 70%, aproximando-se dos 74% da oralidade em *Verônica* (70,71%) e *Trair e coçar é só começar* (70,61%), superando-se essa percentagem em *Se eu fosse você* (74,13%) e *O Redentor* (79,13%).

- (11) É como se *eu* não existisse. É como se *eu* não tivesse vontade própria. Como se *eu* só servisse pra ficar equilibrando as tensões... entre o Cláudio e a Bia, entre minha mãe e o Cláudio, entre o coral e a minha casa... A sensação que *eu* tenho é que se *eu* não estiver ali sempre...
(*Se eu fosse você*)
- (12) Mas *eu* não sei de nada. Quando cheguei na favela... a polícia já tava lá. *Eu* cheguei com esse menino, \emptyset já tavam lá. Eles sabem muito mais do que eu!
(*Verônica*)
- (13) A dança do ventre foi a maneira que *eu* descobri para me sustentar e pagar meus estudos de balé clássico.
(*Trair e coçar é só começar*)
- (14) - Tá bem, agora chega.
- *Eu* ainda não terminei.
(*O Redentor*)
- (15) Otávio, o problema é que *eu* estive pensando... e *eu* acho que Deus quer que *eu* te denuncie.
(*O Redentor*)

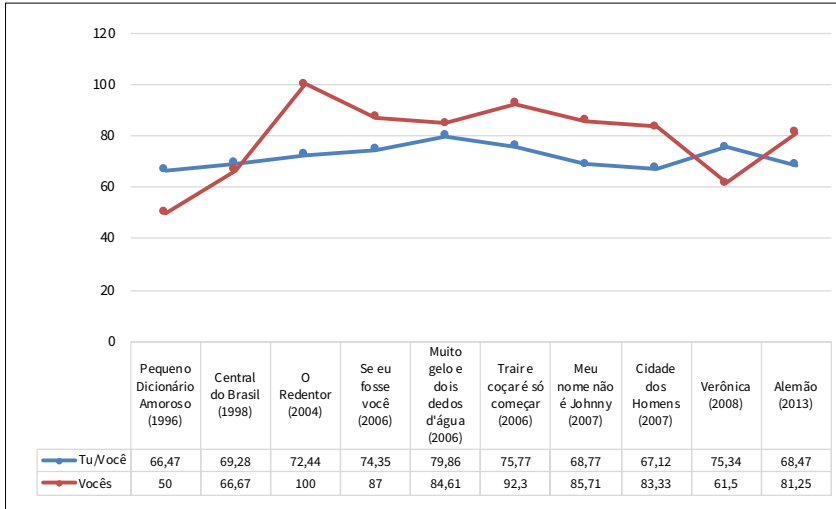
Quanto a 2P, como foi dito, inserimos no mesmo cálculo de ocorrências TU/VOCÊ, ainda que seja necessário dizer antes que encontramos 251 ocorrências do pronome TU, como pronome alocutivo indireto, 2PS forma zero (\emptyset),⁸ isto é, com formas verbais de 3PS, em 8 dos 10 filmes da nossa amostra: *Alemão* (55 ocorrências), *Cidade dos Homens* (110 ocorrências), *Meu nome não é Johnny* (65 ocorrências), *Se eu fosse você* (2 ocorrências), *Verônica* (2 ocorrências), *Trair e coçar é só começar* (5 ocorrências), *Central do Brasil* (11 ocorrências), *Muito gelo e dois dedos d'água* (1 ocorrência).

- (16) Quero que *tu* seja papo reto com a rapaziada.
Tu fecha com nós nessa porra?
(*Alemão*)
- (17) - *Tu* guardou? Pô, maneiro.
- Ó, mas não vai levar essa porra pro colégio, hein, moleque?
(*Meu Nome Não é Johnny*)
- (18) - Porra, irmão! Também, *tu* quer tudo, hein?
- Então, eu fico com a japonesa e *tu* fica com a morena.
(*Cidade dos Homens*)

8 No nosso *Sub-Corpus Carioca Urbano*, encontramos também 6 ocorrências do pronome TU, como alocutivo direto (2PS do PB standard), acionado com a sua desinência número-pessoal específica de P2. Todavia, registramos seu uso limitado exclusivamente ao discurso religioso e, portanto, decidimos não computar essas ocorrências.

A seguir apresentamos o gráfico com as porcentagens das ocorrências do sujeito expresso para a 2PS (TU/VOCÊ) e para a 2PP (VOCÊS) no interno da nossa amostra:

Gráfico 4 Percentagem das ocorrências de sujeito pleno – dados relativos à 2PS e à 2PP



Os dados emersos, como dissemos, registram um andamento bastante regular para o preenchimento da 2PS, oscilando entre os 66,47% de *Pequeno Dicionário Amoroso* e os 79,86% de *Muito gelo e dois dedos d'água*, enquanto que a expressão da 2PP (ainda que os dados registrados sejam muito limitados) evidencia uma discrepância entre 50% (*Pequeno Dicionário Amoroso*) e 100% (*O Redentor*). Esses dados – abaixo dos dados de Duarte (1995) sobre a fala espontânea, que registram para a 2P o sujeito pleno a 90% – revelam um traço ligeiramente conservador presente na fala fílmica.

A seguir, apresentamos alguns excertos de diálogo sobre o sujeito pleno para a 2PS que evidenciam também uma mistura de tratamento entre os pronomes TU e VOCÊ:

- (19) Mas se *you* conseguir, quanto é que vai custar? 50 pau?
Tu tá metendo a faca, Shiro. Tá bom, fazer o quê? Manda. Tá bom, manda!
(*Trair e coçar é só começar*)
- (20) Cê tava aqui trabalhando, todo mundo fugindo.
Como é que cê tem certeza que o pessoal todo não tá vindo pra cá?
(*Alemão*)

- (21) - *Você* já morreu, sua filha da puta!
- Piranha! Vagabunda! *Tu* tá morta, desgraçada! *Tu* tá morta! Sua filha da puta! Desgraçada!
(*Central do Brasil*)
- (22) - *Você* está expulso dessa casa.
- *Você* está me expulsando de uma casa que nem é sua.
(*O Redentor*)
- (23) - Cês estão engraçados hoje. Mamãe tá lendo jornal, pai.
- Ah o meu jornal. Por favor, *cê* quer me passar o jornal?
- Pai, *cê* ganhou o meu prêmio?
- Não!
(*Se eu fosse você*)
- (24) A casa caiu pra *você*, rapaz. A casa caiu pra *você*.
O Juiz viajou, tá? Volta só na segunda-feira. *Tu* vai amargar uma cadeia, no mínimo, até terça-feira.
(*Muito gelo e dois dedos d'água*)
- (25) - Eu manjo a tua praia, viu, garoto? A Bia ainda não tem 15 anos, então *você* pensa direitinho onde *tu* quer enfiar esse teu pauzinho, porque senão um dia *tu* perde ele! Sacou?
- Saquei! Saquei!
(*Se eu fosse você*)

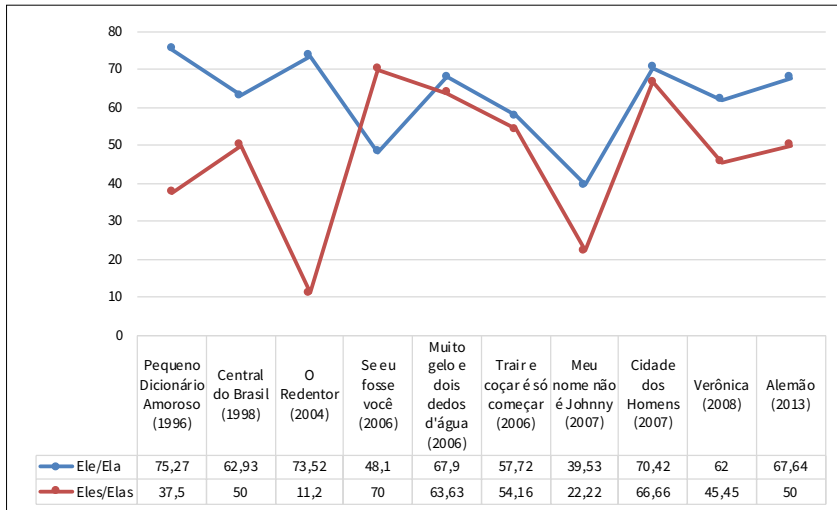
Nos exemplos acima indicados emerge, para além da alternância TU/VOCÊ, um forte resíduo de marcação de tipo diastrático no uso ficcional de TU. De fato, tanto em *Alemão*, *Cidade dos Homens* e *Meu nome não é Johnny* quanto em *Central do Brasil* e *Verônica*, seu emprego pode ser ainda considerado no interno da 'gíria de grupo' de diversos grupos sociais, desde os traficantes de droga aos traficantes de órgãos, e de grupos a eles adjacentes como os policiais. Em *Se eu fosse você*, encontramos um discurso muito semelhante no que diz respeito ao uso do TU. De fato, há uma cena em que Cláudio, personagem principal, adequa-se à linguagem juvenil do namorado da filha, ameaçando-o com o uso de um léxico gírio («Sacou?») e usando o TU como estratégia de interação simétrica, sobrepondo os eixos diastrático e diafásico: «Eu manjo a tua praia, viu, garoto?» / «você pensa direitinho onde *tu* quer enfiar esse teu pauzinho, porque senão um dia *tu* perde ele!». No entanto, apesar de não emergir claramente nos exemplos analisados, a não ser no último, temos que dizer que, atualmente, no PB carioca, o emprego do TU em situações comunicativas simétricas e informais registra um deslocamento gradual do eixo de variação diastrático na direção do eixo diafásico.

Quanto aos sujeitos de 3P, como dissemos, encontramos 826 ocorrências e registramos um índice de preenchimento de 60,89% (3PS 63,09%; 3PP 47,42%), que está em sintonia com o índice de 58% da

fala espontânea (Duarte 1995, 2004; Barbosa et al. 2005), mas bem longe de 75,80% de preenchimento do sujeito registrado nos dados sobre a fala culta urbana (Berlinck et al. 2015).

Contudo, como se vê claramente do gráfico que apresentamos a seguir, registramos oscilações significativas entre os resultados relativos às percentagens das ocorrências do sujeito expresso que, para o singular, nunca descem abaixo de 39,53%, enquanto, para o plural, a discrepância é maior, oscilando entre 11,2% de *O Redentor* e 70% de *Se eu fosse você*. O filme que apresenta as percentagens mais baixas para 3PS, não superando 40% de preenchimento do sujeito, é *Meu nome não é Johnny*, em que se registra um índice de preenchimento de 39,53%, enquanto que no filme *O Redentor*, registramos a percentagem mais baixa para a 3PP (11,2%).

Gráfico 5 Percentagem das ocorrências de sujeito pleno – dados relativos à 3PS e à 3PP



Apesar disso, no que diz respeito ao singular, registra-se, de maneira mais marcada, a tendência para o preenchimento do sujeito, com índices de preenchimento quase sempre superiores a 50% (8 em 10 filmes), chegando a superar 70% de preenchimento em 3 filmes: *Pequeno Dicionário Amoroso* (1996), *O Redentor* (2004) e *Cidade dos homens* (2007).

Pelo que se refere a 3PP, a situação resulta ser diferente. De fato, registramos índices de preenchimento inferiores a 50% em 4 filmes, chegando a 70% de preenchimento de sujeito só num caso (*Se eu fosse você*).

Todavia, é preciso evidenciar que registramos preenchimento de sujeito tanto nos casos em que o traço semântico do referente resul-

ta ser [+humano], [+animado] e [±específico], quanto nos casos em que se trata de traço [-humano], [-animado] e [±específico], assim como evidenciam os exemplos a seguir:

- (26) - Até que o tédio nos atinja, congelando nossos corações e destruindo esse amor que a gente construiu.
- Mas que *ele* não venha nunca, tá?
(*Pequeno Dicionário Amoroso*)
- (27) - Onde é que era essa churrascaria?
- Pô, lá em São Conrado. \emptyset Já fechou já o maior tempão atrás. \emptyset Nem existe mais.
- Como é que \emptyset se chamava?
- Porra, agora tu me pegou, mano.
(*Cidade dos homens*)

3.1.2 Fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem a omissão do sujeito

Antes de entrar em detalhe nos fatores linguísticos que se podem considerar contextos de resistência do sujeito nulo, é necessário reafirmar a particularidade da fala fílmica que, - reproduzindo situações comunicativas e interacionais de diversas tipologias -, simula a fala em situação, com o objetivo de tornar a variedade diamésica fílmica mais atual e reconhecível como reprodução verossímil da fala espontânea.

Através desta perspectiva, a de considerar a fala fílmica como uma representação de uma fala conotada como verossímil, mas, ao mesmo tempo, submetida a toda uma série de filtros socioculturais, pode-se evidenciar os vínculos que o diálogo fílmico constrói com os esquemas de conhecimento compartilhados e com as estruturas ligadas às expectativas do destinatário.

Os fatores linguísticos examinados pela nossa análise, para além da pessoa do discurso, dizem respeito ao tempo e à forma verbal (simples ou composta), ao tipo de frase e à presença de elementos antes do sujeito ou entre sujeito e verbo. Num primeiro momento, analisaremos os dois filmes cronologicamente mais datados: *Pequeno Dicionário Amoroso* e *Central do Brasil*, só para evidenciar uma certa continuidade no andamento do preenchimento do sujeito.

Os sujeitos nulos encontrados nestes dois filmes correspondem a frases independentes, interrogativas, proposições principais com o verbo no presente ou no passado, frequentemente precedidas de negação ou de locuções adverbiais, ou de frases com uma perífrase verbal, assim como se pode ver claramente nos exemplos:

- (28) \emptyset Não preciso nem de dicionário pra vencer você.
(*Pequeno Dicionário Amoroso*)

- (29) - ø Posso te fazer uma pergunta?
- ø Vai fazer de qualquer jeito.
(*Pequeno Dicionário Amoroso*)
- (30) - Tudo bem?
- Tudo bem. Ehm, eu tô com a foto do besouro.
- ø Ficou boa?
(*Pequeno Dicionário Amoroso*)
- (31) - ø Nunca te falei que era farmácia.
- Ontem tu me fez dormir de madrugada.
(*Central do Brasil*)
- (32) - O que é que houve?
- Um ônibus passou em cima de uma mulher.
- ø Morreu?
- Ah, sim. ø Já tá acertando as contas lá em cima.
(*Central do Brasil*)

No que diz respeito à 2P, é nas frases interrogativas que encontramos um dos principais contextos de resistência do sujeito nulo:

- (33) ø Já esqueceu que dia é hoje?
(*Cidade dos Homens*)
- (34) ø Tá pensando que ø vai ficar na varanda, meu amor?
(*O Redentor*)
- (35) - ø Lembrou de pegar a chave de casa?
- Hum, hum. ø Peguei todas que eu encontrei, umas duzentas. Alguma tem que ser de lá.
(*Muito gelo e dois dedos d'água*)
- (36) Por que, cara? ø Tem medo de quê?
(*Meu nome não é Johnny*)
- (37) - Oh, oh, oh, Sushi! Porra, ø tá fumando crack? ø Vai atirar no meu carro, ø tá maluco?
- Porra, ø vai deixar o cara fugir, Senê?
(*Alemão*)
- (38) - Por onde que eu vou mesmo, hein?
- ø Esqueceu o caminho?
(*Se eu fosse você*)
- (39) - Gente!
- ø Não conseguiu? Pelo amor de Deus, Shiroco, não faz isso comigo!
(*Trair e coçar é só começar*)
- (40) - E aí? ø Tá com fome?
- Quero ir pra a minha casa. Eu quero a minha mãe.
(*Verônica*)

As ocorrências referidas não fazem mais do que confirmar o quanto Duarte (1993, 1995) tinha já identificado como contextos de resistência à expressão do sujeito, isto é, as frases negativas e interrogativas. Nestas últimas, no caso da 2P, as ocorrências de omissão do sujeito se devem ao fato de que na maior parte dos casos, na interação ficcional, a pergunta é dirigida do locutor ao interlocutor, numa situação comunicativa face a face que deixa reduzidas margens de ambiguidade.

Pelo que se refere a 3P, favorecem o preenchimento do sujeito as sentenças que apresentam um tópico marcado (discursivo ou sintático) e aquelas em que o referente do sujeito tem outra função sintática ou se encontra distante dele.

- (41) Pra mim, essa coisa de caça é bem simples. Existe um caçador e uma caça.
No caso do gato, por exemplo, *ele* é o caçador, e o rato, a sua presa.
(*Pequeno Dicionário Amoroso*)
- (42) - Inclusive, eu não sei se você percebeu, mas eu tava almoçando com o pessoal de... São Paulo, daquela agência...
- Eu sei quem *eles* são.
(*Se eu fosse você*)

Quanto aos fatores extralinguísticos, cruzando os dados ligados ao ano de produção com as características de gênero e tipo textual, emerge que os últimos três filmes da amostra: *Cidade dos Homens* (2007), *Verônica* (2008) e *Alemão* (2013), não apresentam percentagem de ocorrência de sujeitos plenos entre as três mais altas do *Sub-Corpus Carioca Urbano*, como se poderia imaginar, sendo mais recentes e pertencendo ao subgênero 'favela movie'. Pelo contrário, os filmes em que se registram os índices mais altos (73,31%, 73,12% e 75,14%), - revelando a tentativa de reproduzir uma fala mais aceitável como reelaboração do PB neostandard -, são do gênero *comedy*, duas comédias de 2006 (*Se eu fosse você* e *Muito gelo e dois dedos d'água*), e dramático: *O Redentor*, de 2004.

Portanto, os fatores gênero textual, pela tipologia de reprodução das características sociolinguísticas dos personagens, e o ano de produção não evidenciaram um maior ou um menor nível de conservadorismo linguístico, podendo-se, de fato, notar uma redução significativa da atividade dos chamados filtros socioculturais ligados à produção textual audiovisual, que se reflete numa fala fílmica mais verossímil e próxima do PB neostandard (no nosso caso tal proximidade emerge do preenchimento constante de sujeito em todos os filmes analisados).

4 Conclusões

Da análise de todos os dados emerge que, na fala fílmica, os pronomes não standard, TU/VOCÊ, A GENTE e VOCÊS, registraram os maiores índices de preenchimento, respectivamente 71,12%, 96,46% e 81%, como consequência do fato de que as desinências verbais resultam ser ainda fortes fatores inibidores da expressão do sujeito. Tal situação corrobora também as observações de Duarte (1993) sobre o fato de que os contextos ligados a 2P são aqueles que revelam, maiormente, a mudança em curso, dado que a redução e reorganização do paradigma flexional partiu dali.

Quanto aos pronomes da 3P, registramos uma média de preenchimento de 60,89%, mas com índices de preenchimento de diferente valor conforme o número. De fato, na 3PS (710 ocorrências), chega-se a 63,09%, enquanto que, na 3PP (116 ocorrências), não se passa de 47,42% de preenchimento, evidenciando também na fala fílmica o fato de a 3P - pelo seu caráter anafórico - ser ainda «o elemento a retardar o processo» (Duarte 2012, 26), permitindo ainda uma alta percentagem de omissão do sujeito referencial.

No que diz respeito aos tipos de frase, as frases interrogativas e negativas favorecem a não expressão do sujeito, estas últimas facilitam a omissão, principalmente, quando se trata dos pronomes EU, NÓS, VOCÊ e VOCÊS. Por fim, como vimos no parágrafo precedente, no que diz respeito aos fatores extralinguísticos, salientamos que não registramos uma diversificação de percentuais de uso conforme o gênero ficcional ou o ano de produção.

Em síntese, os resultados obtidos a partir de dados que tiveram em consideração somente sujeitos pronominais (plenos ou nulos) referenciais de frases de tempo finito confirmam que o PB neostandard (enquanto que o PB standard continua uma variedade de língua pro-drop) pode ser considerado uma (variedade de) língua pro-drop parcial, uma vez que, como dissemos, e como registramos também na fala fílmica, existem ainda diversos contextos de resistência nos quais é possível a omissão do sujeito referencial.

Referências bibliográficas

- Alarcos Llorach, E. (1999). *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, Real Academia Española.
- Barbosa, P. et al. (2005). «Null Subjects in European and Brazilian Portuguese». *Journal of Portuguese Linguistics*, 4, 11-52.
- Berlinck, R. de Andrade et al. (2015). «Predicação». Kato, M.A.; Nascimento, M. do (orgs), *A construção da sentença. Gramática do português culto falado no Brasil*, vol. 2. São Paulo: Editora Contexto, 81-149.
- Chomsky, N. (1981). *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- Cyrino, S. et al. (2000). «Visible Subjects and Invisible Clitics in Brazilian Portuguese». Kato, M.A.; Negrão, E.V. (orgs), *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt am Main; Madrid: Vervuert; Iberoamericana, 55-105.
- De Rosa, G.L. (2012). *Mondi Doppjati. Tradurre l'audiovisivo dal portoghese tra variazione linguistica e problematiche traduttive*. Milano: Franco Angeli.
- De Rosa, G.L. (2017). «Il soggetto nel parlato fílmico brasiliano contemporaneo». *Rivista di Studi Portoghesi e Brasiliani*, 17, 67-81.
- De Rosa, G.L. et al. (2017-). *Corpus I-Fala, Luso-Brazilian Film Dialogues as a resource for L1 & L2 Learning and Linguistic Research*.
- Duarte, M.E. (1993). «Do pronome nulo ao pronome pleno. A trajetória do sujeito no português do Brasil». Roberts, I.; Kato, M.A. (orgs), *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp, 107-28.
- Duarte, M.E. (1995). *A perda do princípio Evite Pronome no português brasileiro [tese de doutorado]*. Campinas: IEL/UNICAMP.
- Duarte, M.E. (1998). «O sujeito nulo no português do Brasil. De regra obrigatória a regra variável». Grosse, S.; Zimmermann, K. (eds), *Substandard e mudança no português do Brasil*. Frankfurt: Teo Ferrer de Mesquita (TFM), 189-202.
- Duarte, M.E. (2000). «The Loss of the 'Avoid Pronoun' Principle in Brazilian Portuguese». Kato, M.A.; Negrão, E.V. (eds), *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt am Main; Madrid: Vervuert; Iberoamericana, 17-36.
- Duarte, M.E. (2004). «On the 'Embedding' of a Syntactic Change. In Language Variation in Europe». *Papers from ICLA VE2 = Second International Conference on Language Variation in English*. Uppsala: Universitetsstryckeriet, 145-55.
- Duarte, M.E. (2008). «Sujeito Nulo/Pleno e marcas de concordância». Votre, S.; Roncarati, C. (eds), *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil. Uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 265-77.
- Duarte, M.E. (ed.) (2012). *O sujeito em peças de teatro (1833-1922). Estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola.
- Kaiser, G.A. (2006). «Sobre a (alegada) perda do sujeito nulo no português brasileiro». Lobo, T. et al. (eds), *Para a história do português brasileiro*. Vol. 6, *Novos dados, novas análises. Tomo 1*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 11-42.
- Kato, M.A. (2000). «The Partial Pro-Drop Nature and the Restricted Vs Order in Brazilian Portuguese». Kato, M.A.; Negrão, E.V. (eds), *The Null Subject Parameter in Brazilian Portuguese*. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 223-38.
- Kato, M.A.; Duarte, M.E. Lamoglia (2014). «Restrições na distribuição de sujeitos nulos no português brasileiro». *VEREDAS – Sintaxe das Línguas Brasileiras*, 18(1), 1-22.

- Kato, M.A.; Negrão, E.V. (eds) (2000). *The Null Subject Parameter in Brazilian Portuguese*. Frankfurt am Main; Madrid: Vervuert; Iberoamericana.
- Lira, S. de Azambuja (1982). *Nominal, Pronominal and Zero Subject in Brazilian Portuguese* [PhD Dissertation]. Philadelphia: University of Pennsylvania.
- Lira, S. de Azambuja (1988). «O sujeito pronominal no português falado e escrito». *Ilha do Desterro*, 20, 31-43.
- Lira, S. de Azambuja (1996). *The Subject in Brazilian Portuguese*. New York: P. Lang.
- Lobo, M. (2013). «Sujeito Nulo. Sintaxe e interpretação». Raposo, E. Paiva et al., *Gramática do português*, vol. 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2309-35.
- Paredes Silva, V.L. (1988). *Cartas Cariocas. A variação do sujeito na escrita informal* [tese de doutorado]. Rio de Janeiro: Universidade federal do Rio de Janeiro.
- Paredes Silva, V.L. (1991). «Cartas Cariocas. A variação do sujeito na escrita informal». *Boletim da Abralin*, 11(8), 3-96.
- Paredes Silva, V.L. (2003). «Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real». Duarte, M.E. Lamoglia; Paiva, M. da Conceição (orgs), *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 97-114.
- Rizzi, L. (1982). *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris.
- Tarallo, F. (1993). «Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX». Roberts, I.; Kato, M.A. (eds), *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora Unicamp, 69-105.